

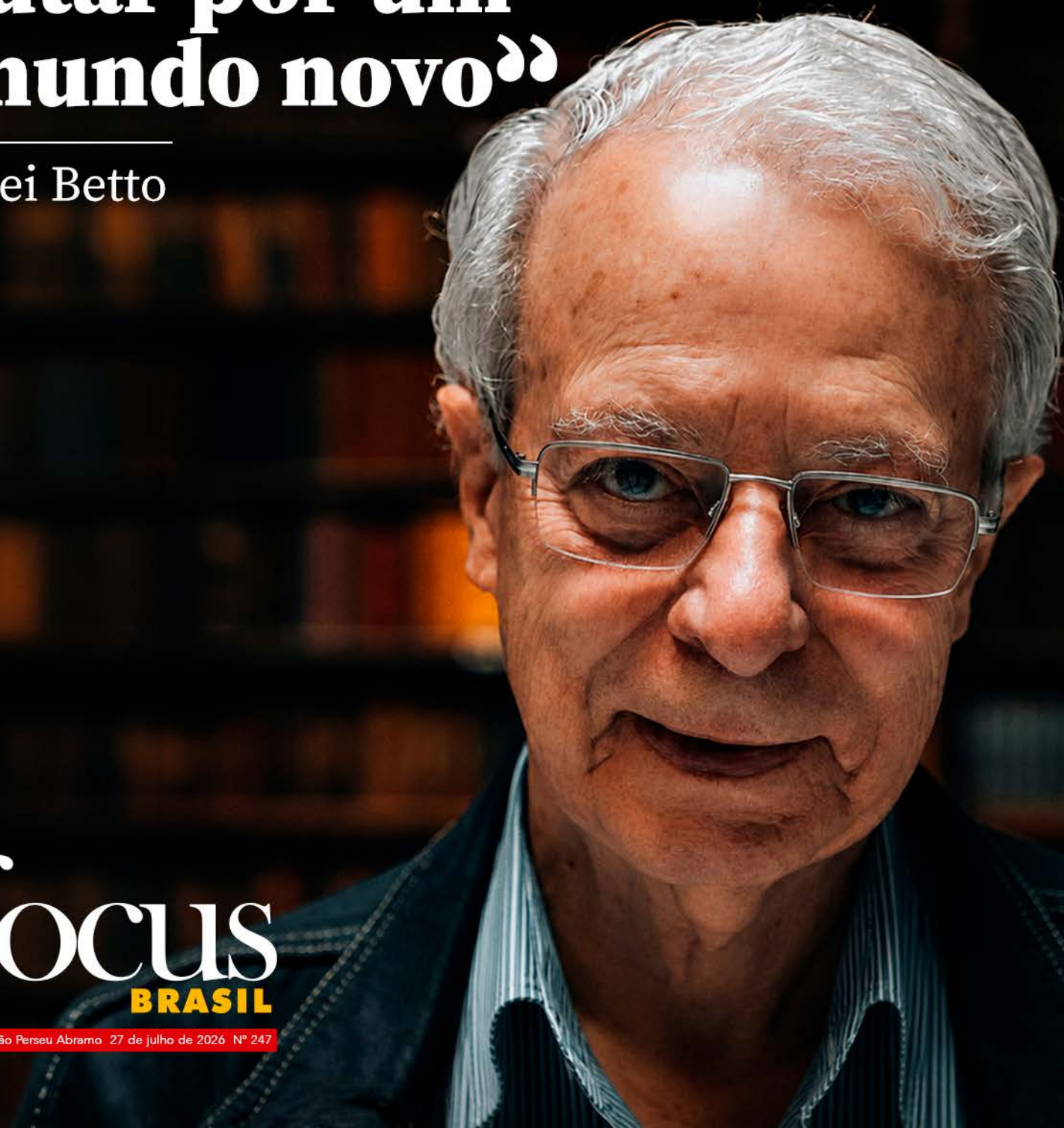
ENTREVISTA

**“O que dá sentido
à minha existência
é essa utopia de
lutar por um
mundo novo”**

Frei Betto

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 27 de julho de 2026 Nº 247



» PROGRAMA **Reconexão Periferias**

exibido quinzenalmente, às
terças, 17h no canal da FPA



ACOMPANHE : [/FundacaoPerseuAbramo](https://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Coordenador editorial: Guto Alves

Diagramação e Arte: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Henrique Nunes



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Interino: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre
Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Ára-
be, Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana
Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton
Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura
Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de
Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de
Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando
Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes,
José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís
Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges
Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges
Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,
Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes,
Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto,
Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça
Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida
da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



CAPA

Frei Betto - “O que dá sentido à minha existência é essa utopia de lutar por um mundo novo”

pág. 04

BRASIL

Mulheres negras ocupam as ruas por reparação, direitos e poder político

pág. 11

Pesquisa mostra que vacinação diminuiu prevalência de HPV entre jovens

pág. 13

ARTIGO

Do novo ao velho: o contexto da violência no Brasil

pág. 15

Convenções oficializam candidaturas e expõem interferência externa na eleição

pág. 18

Mulheres negras são maioria da população mas têm apenas 7,46% dos mandatos nas Câmaras Municipais

pág. 20

ARTIGO

Da Guerra Fria aos algoritmos: como a religião ajudou

a transformar a cultura brasileira

pág. 23

CULTURA

Na Flip, Angela Davis alerta para ascensão da extrema direita no mundo

pág. 25

‘Um Por Todos, Todos Por Lula’ terá lançamento nesta terça-feira

pág. 26

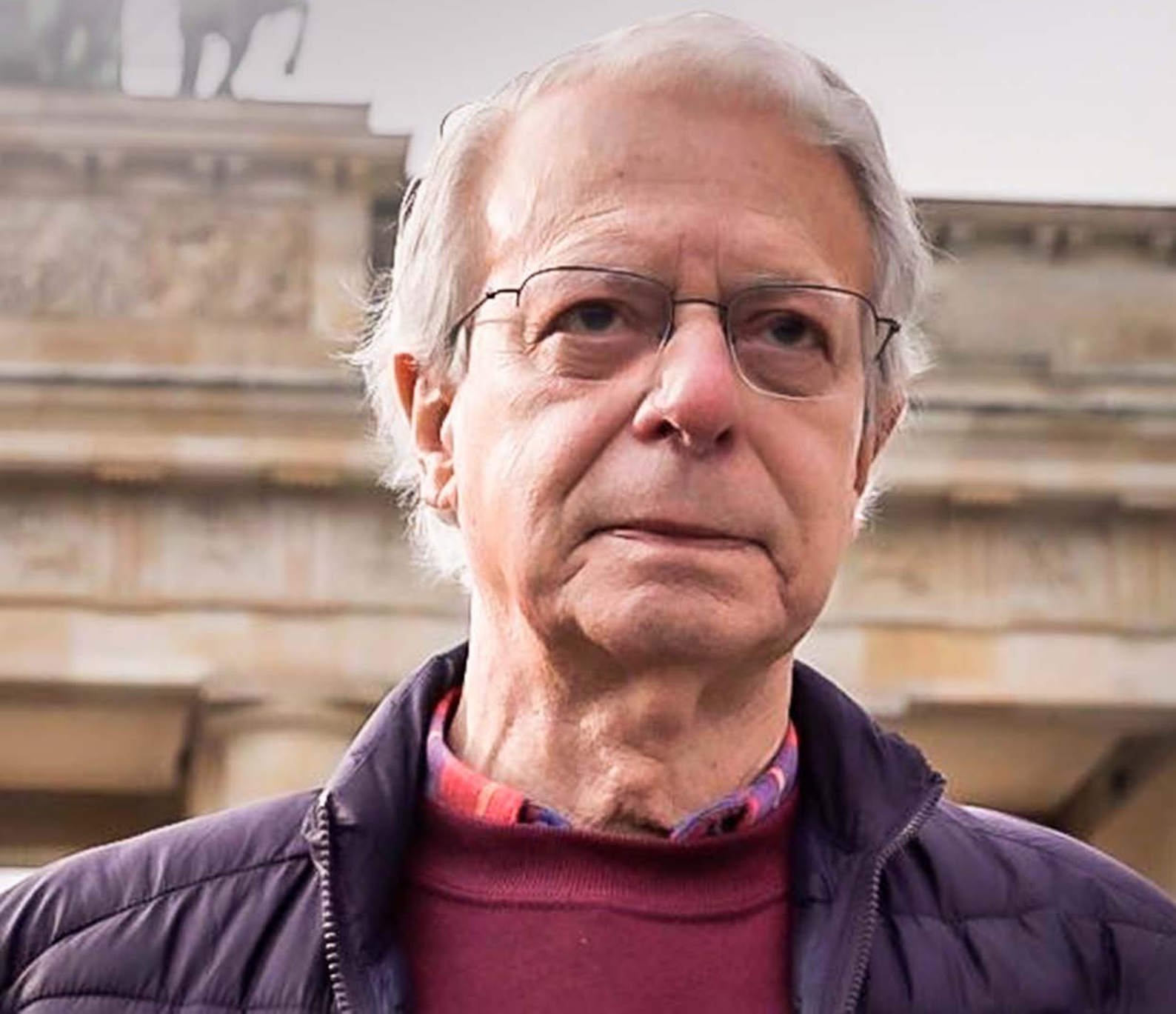
SEMANA NO MUNDO

Milei e Flavio, incêndios na Europa e pressão externa sobre o Brasil

pág. 27

ENTREVISTA | FREI BETTO

**“O que dá sentido à
minha existência é
essa utopia de lutar
por um mundo novo”**



Em entrevista a Focus Brasil, escritor fala do romance O Voo da Locomotiva, da preservação da memória da ditadura, da crise de horizonte da esquerda, da situação de Cuba e da necessidade de defender a democracia brasileira

Fernanda Otero

Aos 82 anos, Frei Betto escreve como quem ainda disputa o presente. Em *O Voo da Locomotiva* (Rocco, 2026), seu novo romance, uma mulher torturada durante a ditadura militar tenta reconstruir a própria história por meio de um diário. Rosa escreve para exorcizar os demônios que sobreviveram à prisão. Frei Betto escreve para impedir que o país se acostume com eles.

A personagem nasceu da história real da chilena Luz Arce, sobrevivente da ditadura de Augusto Pinochet, mas foi trazida pelo autor para o Brasil. Na transposição, o romance incorpora experiências vividas ou conhecidas por Frei Betto durante os quatro anos em que esteve preso, entre 1969 e 1973. É o sexto livro em que ele retorna aos cárceres, às células clandestinas, às perdas e aos erros de uma geração que enfrentou o regime militar.

Em uma conversa longa e atenta com Fernanda Otero, Frei Betto não se protege atrás da própria biografia. Reconhece os equívocos da luta armada, critica o dogmatismo e o culto à personalidade na esquerda e afirma que a ausência de organização popular foi decisiva para a derrota dos grupos que enfrentaram a ditadura. Também volta o olhar para o presente, marcado pela tentativa de revisão daquele período, pelo enfraquecimento dos vínculos coletivos e por uma juventude que,

segundo ele, perdeu o horizonte de transformação.

A literatura aparece, ao longo da entrevista, como memória, elaboração do trauma e forma de intervenção política. Pela primeira vez em sua obra, Frei Betto constrói um romance inteiramente conduzido por uma voz feminina. Escrito primeiro à mão, como todos os seus livros, *O Voo da Locomotiva* confirma uma característica identificada décadas atrás por Alceu Amoroso Lima: uma escrita feita “mais com a pele do que com a cabeça”.

Da ficção, a conversa avança para o mundo concreto. Frei Betto descreve a grave situação econômica e energética de Cuba, defende a solidariedade ao país e critica o bloqueio imposto pelos Estados Unidos. Ao falar das eleições brasileiras, é direto: considera a vitória de Lula necessária para preservar a democracia. A mesma clareza atravessa suas reflexões sobre Donald Trump, o neoliberalismo, as redes digitais e o isolamento que substitui a participação comunitária pela sobrevivência individual.

Frei Betto sabe que talvez não veja o mundo pelo qual trabalha há mais de seis décadas. Não demonstra, porém, qualquer disposição de abandonar a tarefa. “Sei que não vou participar da colheita, mas faço questão de morrer semente”, afirma. Na entrevista a seguir, memória e utopia não aparecem como refúgio, mas como instrumentos de resistência.

- O Voo da Locomotiva, seu romance mais recente, narra a história de Rosa, uma mulher presa e torturada pela ditadura. Por que o senhor decidiu voltar a esse período agora?

- Primeiro, porque eu acho que tenho um compromisso político e moral de manter viva a memória dos 21 anos atroz da ditadura militar no Brasil, nós não podemos permitir que aquele período caia no esquecimento. É preciso sempre levantar essa questão para que não se repita, porque, quando a gente esquece o passado, corre o risco de, no presente, querer repeti-lo no futuro, como aconteceu com a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, de Jair Bolsonaro e seus asseclas.

Então, é preciso realmente não permitir que caiam no esquecimento aqueles 21 anos de ditadura, por isso, este já é o sexto livro que produzo para manter viva a memória daquele período. O primeiro foi *Cartas da Prisão*, que escrevi nos quatro anos em que fiquei preso, de 1969 a 1973. Depois veio *Batismo de Sangue*, que, inclusive, as pessoas que nos acompanham podem assistir no filme de Helvécio Ratton, baseado no livro e disponível no YouTube.

Depois, *Diário de Fernando*, um diário que Frei Fernando, meu colega de vida religiosa e de cárcere, teve a ousadia de produzir. Ele anotou o dia a dia da prisão, mas, como não era nem jornalista nem escritor, coube a mim dar redação àquelas anotações, por isso, intitulei o livro *Diário de*

Fernando.

Em seguida, vieram três romances: O Dia de Ângelo, em que falo da minha experiência em celas solitárias, porque, durante os quatro anos em que fiquei preso, passei por oito cárceres diferentes e várias vezes por solitárias; outro romance chamado Tom Vermelho do Verde.

E aqui explico: eu mesmo pensava que o segmento mais vitimizado pela ditadura havia sido o pessoal da minha geração, que tinha pegado em armas, ou talvez os sindicalistas, e descobri que não. O segmento mais atingido pela ditadura foi os povos indígenas, especificamente, uma tribo do norte da Amazônia e do sul de Roraima, os Waimiri-Atroari. Foram massacrados mais de 2 mil indígenas na abertura da rodovia 174, que liga Manaus a Boa Vista.

Se a Transamazônica é horizontal, liga a Paraíba ao Peru, a 174 é vertical, ligando Manaus a Boa Vista. Então, baseado em fatos reais, escrevi esse romance, também da editora Rocco, Tom Vermelho do Verde.

E agora, O Voo da Locomotiva, também baseado numa história real, vivida pela pessoa a quem dedico o livro, Luz Arce. Ela não é brasileira, está viva, mora no Chile, e tudo aquilo que passou durante a ditadura de Pinochet ocorreu no Chile, mas adaptei para o Brasil, eu queria falar da ditadura brasileira, que teve vários fatores similares aos das demais ditaduras do Cone Sul.

Então, adaptei muitos fatores próprios do período em que estive preso e de outros relatos que tive oportunidade de conhecer, seja por escrito, seja por depoimentos pessoais.

- O romance começa como uma espécie de confessionário: “Neste diário, exorcizo meus de-

mônios”. Quanto do senhor existe em Rosa? Que papel a escrita pode desempenhar na elaboração do trauma e dos arrependimentos?

- A escrita é terapêutica. O psicanalista Hélio Pellegrino, que era muito meu amigo, dizia: “A prisão só não te levou à loucura graças às cartas que você escreveu”. De fato, tenho plena consciência de como foi importante poder escrever cartas, muitas cartas, colocando para fora as minhas reflexões,

“O problema filosófico número um hoje é a desistorização do tempo”

os meus sentimentos, as minhas emoções.

Depois, quando estive preso, convivendo com presos comuns, tratei de incentivá-los também a escrever seus relatos, isso é realmente muito terapêutico. De fato, O Voo da Locomotiva contém muitas coisas que vivi, muitas coisas que conheci, mas tem algo absolutamente inédito na minha literatura, porque é a primeira vez que utilizo uma voz feminina.

Eu nunca tinha escrito um texto com voz feminina e, evidentemente, tive de fazer um esforço bastante grande para poder usar esse tom de voz, esse sotaque. Também pedi a mulheres amigas minhas que fizessem o teste, como é que isso funciona? É assim mesmo?. E elas aprovaram.

Então, realmente, mostro ali também uma certa psicologia do feminino em uma situação de extremo sofrimento, de sofrimento atroz. Tristão de Ataíde, Alceu Amoroso Lima, que foi muito meu amigo, já no tempo em que eu estava preso, era cronista do Jornal do Brasil.

Ele escreveu uma crônica sobre meu primeiro livro, Cartas da Prisão, na qual chama a atenção para esse detalhe: “Frei Betto tem uma escrita feminina. Ele escreve mais com a pele do que com a cabeça”. E isso é verdade.

Tanto que não consigo escrever direto no computador. Preciso primeiro escrever no papel, à mão, para depois passar para o computador. No computador, não funciona.

- O senhor escreve primeiro à mão e se define como um “analfabite”. Como é hoje sua relação com a tecnologia?

- Eu sou um analfabite, lido mal. Sei usar o Word, é isso que uso no meu Mac e vou produzindo meus textos. Não sei fazer nenhuma operação mirabolante, como vejo outras pessoas conseguirem repaginar, fazer isso e aquilo. Essas coisas eu não sei e tenho certa preguiça de ir atrás, o que já aprendi me basta.

- Em uma passagem, Rosa afirma: “A esquerda mira o futuro e atua no presente alimentada pelo passado”. Qual é o papel da literatura e dessas narrativas na preservação da verdade histórica?

- Ali, você deve ter percebido,

quis fazer uma autocrítica. Nós, da esquerda, que aderimos à luta armada — eu nunca peguei em armas, mas apoiei aqueles que o fizeram — cometemos vários erros, tanto que fomos derrotados.

Talvez o nosso maior erro tenha sido justamente não priorizar o trabalho de organização popular. Costumo sempre dizer que nós, que enfrentamos a ditadura com armas, tínhamos armas, dinheiro das expropriações bancárias, ideologia e coragem, muitos morreram assassinados nessa luta.

Só não tínhamos um detalhe: apoio popular, só que esse detalhe é 99% de tudo. Nesse romance, faço essa crítica ao dogmatismo que havia na esquerda, àquele excesso de centralismo, até ao culto da personalidade.

A figura do Ninel, o comandante que tem o pseudônimo — e não quero dar spoiler aqui —, remete a isso. Todos nós usávamos pseudônimo, porque, numa situação de luta clandestina, você tem de mudar de nome. É importante que os companheiros e companheiras não saibam o seu verdadeiro nome, quanto menos souberem de você, tanto melhor.

Então, faço também essa crítica ao culto da personalidade e a outros fatores que nos levaram a ser derrotados, embora a nossa luta tenha tido um valor histórico inestimável, porque, graças a ela, conseguimos derrubar a ditadura.

Fomos, por outro lado, vitoriosos, porque a ditadura foi sendo fragilizada, essa fragilização culminou com o movimento do qual também tive, felizmente, a oportunidade de participar muito ativamente: as greves metalúrgicas do ABC, onde eu estava desde 1979, a ditadura foi inteiramente desestabilizada a partir desse movimento operário.

- Em outro trecho, Rosa diz: “Nada mais arrebatador do que ser viciada em utopia”. Essa frase também define sua trajetória?

- É uma coisa minha, estou convencido disso, costume dizer isso aos jovens. Quando vou às escolas, eles me perguntam como era a minha geração, quando eu tinha a idade deles, perguntam se havia muita droga.

Eu respondo que havia droga, mas não havia quase drogados,

“Não podemos permitir que o período da ditadura caia no esquecimento”

porque éramos uma geração viciada em utopia. A gente não queria mudar a roupa, queria mudar o mundo; não queria mudar só o Brasil, queria mudar o mundo.

Então, a geração de 1968 foi alimentada pela utopia e, até hoje, sou alimentado pela utopia. O que dá sentido à minha existência é essa utopia de lutar por um mundo novo.

Hoje, costume repetir que sei que não vou participar da colhei-

ta, mas faço questão de morrer semente, para que as futuras gerações possam colher.

- Em um presente marcado pelo revisionismo e pela tentativa de tratar a ditadura como “revolução”, a utopia também pode ser ameaçada ou apropriada?

- Não, o risco é a distopia. Hoje, vivemos um momento de distopia, do inverso da utopia. Fico extremamente preocupado ao ver toda uma juventude que não tem sonho de futuro, de um país ou de uma humanidade melhores; uma juventude que descrê das grandes bandeiras libertárias e está muito centrada no consumismo.

Acho que eles têm uma visão cíclica da história, como os gregos antigos, de que as coisas se repetem. Tanto que há alguns que ontem eram de esquerda, admiravam Marighella e Lamarca, e hoje falam que é preciso exaltar Hitler.

Você vive nessa insegurança por falta de utopia, isso o neoliberalismo conseguiu realmente desmontar. Acho que o problema filosófico número um hoje é a desistoricização do tempo. Quando se consegue tirar o caráter histórico do tempo, as pessoas ficam como barata tonta, não têm perspectiva.

Então, tudo se reduz à luta pela sobrevivência individual. Isso é muito favorecido pelas ferramentas digitais, que alimentam o nosso individualismo e o nosso narcisismo. Elas esgarçam os nossos vínculos comunitários.

Tenho um celular nas mãos e penso que não preciso mais ir ao clube, à associação, ao movimento social, ao sindicato, ao partido. Vou deixando de me associar presencialmente a causas comuns, vou me isolando e me torno facilmente vulnerável à ideologia neoliberal, porque ela acentua o

individualismo.

“Cuide da sua vida, dos seus interesses, das suas ambições e ignore esse mundo, porque isso não vai mudar. Sempre foi assim e sempre será assim.” Infelizmente, muitos acreditam nessa distopia.

- O senhor escreveu para um livro em memória de Luiz Gushiken, personagem decisivo do primeiro governo Lula cuja trajetória nem sempre recebeu o devido reconhecimento. Como lida com a vaidade e com a preservação dessas memórias?

Primeiro, eu não sou juiz de mim mesmo. Tudo o que vou dizer aqui, qualquer pessoa que me conhece pode dizer: “Não, penso o contrário. Acho que você é uma pessoa muito vaidosa”. É direito das pessoas pensarem isso, como eu penso a respeito de algumas pessoas.

Agora, tenho um lado mineiro muito acentuado, nunca gostei de aparecer. Gosto muito que a minha obra apareça, não a minha pessoa. Durante muitas décadas, até ir para o governo em 2003, quando fui trabalhar no Fome Zero, evitava todos os convites de televisão e de entrevistas em que a minha presença física tivesse de ser projetada.

Dava entrevista para jornal, para revista, mas não para televisão, quando começaram os meios digitais, no início, também evitava. Depois, no governo, não tinha jeito, porque a gente era obrigado a mostrar a cara e se expressar o máximo possível.

Aí fui relaxando, mas creio que não busco situações de projeção. A prova disso é que eu poderia ter continuado no governo. Lula, em todos os seus mandatos, perguntou se eu não gostaria de estar no governo.

Falei com ele que descobri, nos dois anos em que fiquei, que sou um feliz ING, indivíduo não go-

vernamental; não tenho vocação nem para a iniciativa privada nem para o serviço público.

O que gosto mesmo é de fazer meu trabalho de base e escrever meus textos. É isso que me faz muito feliz: essas duas dimensões da vida, trabalhar com o movimento popular e escrever.

Isso me basta. Não sei quantos anos ainda vou viver, mas isso me basta. Não busco nada fora disso.

“Cuba é o único país da América Latina que assegura comida, saúde e educação a todos”

- Sua trajetória também está sendo registrada em documentários, entre eles A Cabeça Pensa Onde os Pés Pisam. Como recebe esse movimento de preservação de sua própria memória?

- Estão fazendo vários documentários a meu respeito. Três já podem ser encontrados no YouTube. Um é esse a que você se referiu, A Cabeça Pensa Onde os Pés Pisam, um documentário sobre meu trabalho em educação popular.

Há também Os Percursos Literários de Frei Betto, sobre minha obra literária, e Fraternura, um

neologismo que cunhei, sobre o olhar da minha família e dos amigos a respeito da minha prisão.

Agora, preparo um quarto documentário sobre as Cartas da Prisão. Todos estão sendo dirigidos por Ivanise Sidal e Américo Freire. Eles foram meus biógrafos, decidiram escrever minha biografia e, depois, tiveram a ideia de transformá-la em vários documentários.

Eu não fiz nenhum esforço para que essas pessoas fizessem os documentários, mas, como acho que isso pode ajudar as novas gerações, ajudar outras pessoas e manter vivo aquele passado tão importante na história da nossa geração, eu deixo.

Não me incomodo, mas realmente não vou atrás, não fico insistindo. Nunca pedi a eles que fizessem esses documentários, nem a biografia. Foi iniciativa deles.

- Como o senhor organiza hoje seu trabalho em um ambiente público marcado pela guerra digital, pela desinformação e pelo ódio?

- Com muita tranquilidade, porque não tenho redes digitais. Não tenho Facebook, Instagram, TikTok, nada disso. Uso o celular para mensagens, como um telefone sofisticado, e para agenda.

No meu caso, não quero generalizar essa observação crítica, eu consideraria uma perda de tempo ficar ligado nas redes digitais.

Muitas pessoas perguntam como consigo produzir tanta literatura, eu digo que é porque não costumo fazer muitas coisas que outras pessoas fazem. Não costumo ficar horas nas redes digitais, não costumo ir a campo de futebol, não costumo ir para mesa de bar e ficar até 11 horas, meia-noite, conversando.

Aproveito o meu tempo para

produzir a minha obra ou fazer os meus trabalhos de base. É isso que realmente priorizo na minha vida.

- Como está Cuba hoje?

- É uma situação muito trágica, muito difícil, e queria fazer um apelo a todos para aumentarem sua solidariedade a Cuba, é muito importante, neste momento.

O MST, através do Instituto Cultivar, tem feito um trabalho muito importante de enviar medicamentos e alimentos para Cuba. Recomendo que as pessoas contribuam com a chave PIX/CNPJ do Instituto Cultivar: 11.586.301/0001-65.

Quando fizerem uma doação, por exemplo, de R\$ 50, acrescentem R\$ 0,01, para que o Instituto possa identificar que aquele dinheiro se destina à solidariedade a Cuba.

Trabalho em Cuba há muitos anos, desde 2019, trabalho com a FAO em um programa de soberania alimentar e educação nutricional. A situação é a pior possível em 67 anos de Revolução, devido ao genocídio do bloqueio imposto por Trump.

É um bloqueio que vem desde 1962, do governo Kennedy, mas que foi acirrado pela atuação de Trump, com a asfixia energética do país. Cuba não tem petróleo suficiente para manter o sistema energético e não tem energia hidráulica; Cuba não é como o Brasil, atravessado por rios e cachoeiras.

O que mantém o sistema elétrico é a energia movida a petróleo, e esse petróleo é importado. Cuba produz um pouco, o suficiente para gerar 40 mil barris, mas consome 100 mil barris por dia. Há um déficit de 60 mil barris.

Daí os sucessivos apagões, a desorganização da sociedade cubana. Praticamente, nas grandes cidades, você não vê transporte coletivo.

O que mais dói no coração é ver, nos aeroportos, grande quantidade de medicamentos, de ajuda humanitária e alimentos chegando, mas que não podem sair de Havana porque não há combustível para abastecer os caminhões.

Esse problema tem sido minorado, não na proporção necessária, pelas placas fotovoltaicas doadas pelos chineses. A China tem cooperado muito com Cuba na busca de fontes alternativas de energia, mas ainda é insuficiente para resolver os graves problemas do país.

O resultado é uma grande inflação, alimentos muito caros, salários muito baixos, êxodo de jovens. A população, de 2019, da Covid para cá, decresceu em pelo menos um milhão e meio de pessoas, eram 11 milhões; agora são nove milhões e meio.

Há situações terríveis. Nos anos 1980, quando comecei a ir a Cuba, os Estados Unidos tinham um índice de nove crianças mortas antes de completar um ano em cada mil nascidas vivas, a Suécia tinha sete, Cuba tinha três. Hoje, Cuba tem nove.

Há um crescimento da mortalidade infantil e pobreza e desigualdade social, que vêm se acentuando. Muitos cubanos têm parentes no exterior, sobretudo nos Estados Unidos, e esses têm uma situação de vida um pouco melhor do que aqueles que vivem exclusivamente de seu salário cubano.

O governo tem tomado providências para encontrar uma saída, acaba de aprovar 176 novas medidas econômicas, em um processo de desestatização da economia e abertura para o capital estrangeiro, inclusive para bancos.

A grosso modo, eu chamaria isso de vietnamização da economia cubana. Agora, isso não vai funcionar do dia para a noite. É preciso tempo, e nem sabemos quais investidores estarão realmente interessados em investir

em Cuba, devido às precaríssimas condições em que o país vive e ao aperto dos Estados Unidos.

Um banco que opera com Cuba não pode operar com os Estados Unidos. Um navio que aporta em Cuba não pode aportar nos Estados Unidos, é uma situação muito trágica, que exige de todos nós muita solidariedade, porque é um povo digno, criativo, culto, que conquistou algo que nenhum outro país da América Latina conquistou: sua total independência e soberania frente aos Estados Unidos.

E mais: é o único povo da América Latina que assegura ao conjunto da população os três direitos humanos fundamentais, que são alimentação, saúde e educação. Isso é uma exigência estrutural e constitucional de Cuba.

- Os cortes de ajuda humanitária e de programas de saúde atingiram o trabalho que o senhor realiza com a FAO em Cuba?

- Por enquanto, não afetou. O problema é que nosso trabalho é um pinga d'água no oceano. Por mais que ele avance, precisaria de muito mais recursos e muito mais iniciativas para ter resultado.

Cuba também carrega o legado de equívocos que a própria Revolução cometeu no passado ou de medidas tomadas sem prever as consequências.

Por exemplo, Cuba é um país em que toda a escolaridade é gratuita e de alta qualidade. Os camponeses receberam terra na Reforma Agrária Cubana, ao contrário do que muita gente pensa, o campo cubano não é totalmente estatizado, há áreas estatizadas, áreas de cooperativas, mas muitas áreas de pequenas propriedades.

Os filhos desses camponeses foram para a universidade e não voltaram para o campo, porque se tornaram engenheiros, economistas, médicos e foram para a cidade, tudo bem, se Cuba tivesse

se tecnologia rural, mas não tem. Esse é um problema.

Embora Cuba seja o único país agricultável do Caribe, nenhum outro tem tanta terra quanto Cuba, não consegue suprir as necessidades de seu consumo imediato. Precisa importar 80% dos alimentos, o que é terrível para a balança comercial do país, ainda mais agora, com o bloqueio acirrado por Trump.

- Como vê o futuro diante da política dos Estados Unidos e o que espera das eleições legislativas de novembro?

- Espero que o Partido Democrata tenha maioria no Congresso a partir de novembro. Espero muito isso, porque será uma catástrofe para o mundo, a questão não é só Cuba, é o mundo que está sendo agredido por esse mega terrorista chamado Donald Trump.

É uma questão mundial. Um homem que tem obsessão por guerras, tanto que mudou o nome do Pentágono para Ministério da Guerra, não teve nenhum pudor em fazer isso.

Como disse outro dia uma figura dos Estados Unidos, Trump merece, sim, o Prêmio Nobel da Paz, porque é o único presidente que acabou com a mesma guerra mais de dez vezes, todo dia ele diz que vai assinar um acordo.

Os Estados Unidos não aprendem. Foram derrotados no Vietnã, foram derrotados no Afeganistão, praticamente foram derrotados no Iraque e agora estão sendo derrotados pelo Irã, embora sejam a maior potência bélica da história da humanidade.

Trump achava que ia dar um passeio no Irã, derrubar o governo e instalar ali uma democracia burguesa, nada disso tem o menor sinal de que vai acontecer.

- O que os brasileiros que vivem no exterior podem fazer para apoiar o povo cubano e con-

tribuir com a defesa da democracia no Brasil?

- A primeira coisa é votar em Lula para manter a democracia no Brasil, porque qualquer outra alternativa põe em risco a nossa frágil democracia.

Então, faço esse apelo: vamos votar em Lula. Por mais críticas que possamos fazer ao governo dele, é melhor ele do que qualquer outro candidato.

Segundo, seria muito importante intensificar a solidariedade a Cuba. Existe, por exemplo, um sistema de solidariedade internacional chamado Cátedra José Martí. É importante se organizarem também em função dessa solidariedade a Cuba.

- Para os leitores que vivem fora do país, por quais de seus livros recomenda começar? Existe algum pelo qual tenha uma afeição especial?

- Livro favorito é difícil, porque é como perguntar a uma mãe ou a um pai qual, entre seus oito filhos, é o favorito. Cada um tem a sua história.

Mas há livros meus que tiveram muito impacto e que, apesar de passarem os anos e as décadas, perduram. Um deles é Batismo de Sangue, que está no YouTube como filme acessível.

Também os documentários que citei estão acessíveis pelo YouTube, Batismo de Sangue, dirigido por Helvécio Ratton, mostra bem o que foi o período da ditadura. Esse livro continua vendendo desde 1985.

Outro é Fidel e a Religião, um livro traduzido em 23 idiomas e publicado em 33 países, em que, pela primeira vez, um chefe de Estado no poder fala positivamente da religião, é um livro de muito impacto.

Tenho uma afeição especial pelos meus romances, gosto muito dos romances que escrevi, como A Aldeia do Silêncio, que vai na

contramão do que vivemos hoje, desse mundo ruidoso, e fala sobre o total silêncio.

Gosto também de Tom Vermeelho do Verde, em que descrevo o massacre dos indígenas na Amazônia pela ditadura, e agora de O Voo da Locomotiva.

Tenho muita afeição por esses romances e pelos contos também. Basta entrar em freibetto.org para ver a lista de livros e como adquiri-los. Mesmo no exterior, eles chegam em casa pelo correio. Todos os meus livros têm e-book.

No caso da minha livraria virtual, há mais o livro físico, mas, localizando a editora, é fácil obter o e-book.

- Sua obra também inclui livros voltados às crianças. O que o levou a escrever para esse público?

- Tenho literatura infantil, vários livros. Tenho livro de culinária para criança aprender a cozinhar sem usar fogo e faca, tenho um livro para lidar com a questão da morte, um tema difícil de tratar com crianças, e enfrentei esse desafio em Começo, Meio e Fim.

Recentemente, terminei uma tetralogia sobre os quatro evangelhos, uma reinterpretação dos evangelhos para fazer frente a essa onda fundamentalista no cristianismo, tanto na Igreja Católica quanto nas igrejas protestantes.

É uma revisão, uma releitura dos evangelhos, publicada pela Vozes. Tudo tem e-book. No site, vocês vão encontrar uma vastidão de livros sobre vários temas.

Serviço O Voo da Locomotiva

Autor: Frei Betto

Editora: Rocco

Ano: 2026

160 páginas

Formato: 14 x 21 cm

Disponível em livro físico e em versão digital



Mulheres negras ocupam as ruas por reparação, direitos e poder político

Marchas realizadas em diferentes regiões do país colocaram o combate ao racismo estrutural, a defesa do bem viver e a participação das mulheres negras nas decisões políticas no centro do Julho das Pretas

Redação Focus Brasil

Milhares de mulheres negras ocuparam as ruas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outras capitais brasileiras para cobrar reparação histórica, políticas públicas e participação efetiva nos espaços de poder. Realizadas durante o Julho das Pretas, as mobilizações mostraram que o enfrentamento ao racismo está diretamente ligado à disputa política e à capacidade de mulheres negras influenciarem as decisões do país.

No Rio de Janeiro, a 12ª Marcha das Mulheres Negras levou milha-

res de pessoas à orla de Copacabana no domingo (26). O ato defendeu a democracia, o combate ao racismo, a reparação e o bem viver. Em São Paulo, a 11ª edição da marcha reuniu centenas de participantes na Praça Roosevelt, no sábado (25), e homenageou Luana Barbosa, mulher negra, lésbica e periférica morta após ser abordada e agredida por policiais militares em 2016. Dez anos depois, nenhum envolvido foi preso ou condenado.

As manifestações ocorreram em torno do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e do Dia Nacional de Tereza de Benguela, celebrados em 25 de julho. Ao longo do mês, quase 700 atividades foram orga-

nizadas por mais de 290 coletivos em 23 estados e no Distrito Federal, com ações voltadas ao combate ao racismo e à defesa dos direitos das mulheres negras.

Reparação exige ação do Estado

No Rio, a coordenadora do Fórum Estadual de Mulheres Negras, Clátia Vieira, afirmou que não será possível alcançar o bem viver sem políticas de reparação e sem reconhecer o racismo como parte estrutural da sociedade brasileira.

Segundo ela, é necessário ouvir as mulheres negras e compreender como racismo e desigualdade econômica se combinam para produzir desemprego, insta-



bilidade e violência. A marcha cobrou medidas públicas capazes de romper um modelo que mantém mulheres negras entre as mais vulneráveis no mercado de trabalho e nos serviços de cuidado.

A educadora Bárbara Carine participou do ato com a família e destacou a importância de levar crianças aos espaços de mobilização. Para ela, a marcha permite reconhecer os avanços alcançados, mas também expõe a distância que ainda separa a população negra de condições dignas de vida.

“A gente quer passar das pautas de sobrevivência”, afirmou.

Marielle Franco, assassinada em 2018, também esteve presente nas faixas, camisetas e falas das manifestantes. Marinete Silva, mãe da vereadora, lembrou que Marielle participou da marcha em 2017 e defendia a ampliação da participação política das mulheres negras.

“A participação política das mulheres é essencial e também era um projeto dela”, disse Marinete.

Luana Barbosa e a violência sem resposta

Em São Paulo, o nome de Luana Barbosa deu o tom da mobi-

lização. O lema da marcha ligou a memória de sua morte à luta por direitos, reparação, bem viver e presença das mulheres negras nas ruas e nas urnas.

Cofundadora do evento, Juliana Gonçalves afirmou que outras mulheres negras e lésbicas continuam sendo vítimas de violência no estado. Ela também destacou a contribuição econômica das mulheres negras, especialmente no trabalho de cuidado, ainda pouco reconhecido e mal remunerado.

“As mulheres negras levantam essa economia, fazem o trabalho de cuidado que não é reconhecido e, mesmo assim, são as que menos ganham”, afirmou.

A marcha reuniu lideranças políticas, feministas e religiosas, artistas e representantes de movimentos negros. Mulheres de religiões de matriz africana denunciaram a intolerância religiosa e a ausência de respostas firmes do poder público diante da violência racial.

O ato também teve apresentações culturais e intervenções voltadas à ancestralidade. O coletivo Bando das Macuas apresentou uma performance inspirada no povo Macua, do norte de Moçambique, enquanto DJs tocaram rap e hip hop com letras de protesto.

Mulheres negras nas ruas e nas urnas

Além de Rio e São Paulo, marchas foram realizadas em Recife, Belo Horizonte, Belém e Salvador. As mobilizações tiveram como pontos comuns a cobrança por reparação e a defesa do bem viver, entendido como um modelo baseado em cuidado, coletividade, justiça social e preservação da vida.

Em Recife, as manifestantes denunciaram a baixa presença de mulheres negras nos espaços de decisão. Em Belo Horizonte, o ato homenageou os 12 anos da Associação de Trabalhadoras Domésticas Tereza de Benguela. Em Belém, a marcha percorreu a Praça da República, parcialmente erguida sobre um antigo cemitério de pessoas escravizadas, e defendeu a ancestralidade como projeto de futuro.

Uma das organizadoras do ato paraense, Flávia Vieira, chamou atenção para o peso eleitoral da população negra e para a necessidade de escolher representantes comprometidos com seus direitos.

“Nós somos o maior grupo político e vamos decidir as eleições”, afirmou.

Em Salvador, a mobilização organizada pelo Odara – Instituto da Mulher Negra reuniu mulheres, famílias e crianças em torno da ancestralidade, da igualdade e da justiça. A marcha integrou a extensa programação do Julho das Pretas, que consolidou o 25 de julho como data de mobilização nacional e de pressão sobre governos, parlamentos e instituições.

Ao ocupar as ruas, as mulheres negras reafirmaram que reparação, renda, segurança, liberdade religiosa e representação política fazem parte da mesma agenda. No Rio, em São Paulo e nas demais capitais, as marchas cobraram do Estado respostas para desigualdades históricas ainda presentes na vida cotidiana. ■

Com informações da Agência Brasil



Pesquisa mostra que vacinação diminuiu prevalência de HPV entre jovens

A pesquisa também encontrou evidências de que o esquema atual oferecido pelo SUS de apenas uma dose é eficaz porque não encontrou diferença na prevalência do vírus

Agência Brasil

A prevalência dos principais tipos de HPV caiu quase à metade no Brasil após a vacinação, aponta o maior estudo sobre a eficácia do imunizante já realizado na América Latina.

Dados coletados em 2016 e 2017 mostram que 14,98% dos participantes já tinham sido infectados por pelo menos um dos

quatro tipos cobertos pela vacina. Já nas amostras coletadas entre 2020 e 2023, essa proporção ficou em 7,95%.

A pesquisa Pop-Brasil foi realizada pelo Hospital Moinhos de Vento, em parceria com o Ministério da Saúde. Na primeira fase, foram analisadas amostras de 6.388 participantes não vacinados de ambos os sexos. Já na segunda fase, foram mais de 10 mil participantes, vacinados e não vacinados. As amostras foram coletadas em unidades de saúde.

Nos dois períodos, o foco foram os jovens de 16 a 25 anos, como explica a médica epidemiologista e líder da pesquisa Eliana Wendland:

“Essa faixa etária é a que tem a maior prevalência de HPV, porque é o início da atividade sexual. Essa faixa etária também foi escolhida porque todo mundo ali já deveria ter sido vacinado”

Infelizmente, não foi isso o que aconteceu. Entre as meninas e mulheres da pesquisa, apenas 61,8% estavam vacinadas, e a pro-



porção foi ainda menor entre os participantes do sexo masculino: 31,1%. A taxa de cobertura ideal é de 90%.

Ainda assim, a vacina comprovou o seu potencial. Entre as meninas e mulheres, a prevalência dos tipos de HPV cobertos pelo imunizante foi de 15,6% na primeira fase, quando apenas pessoas não vacinadas participaram da pesquisa. Já na segunda fase, a detecção do vírus entre as participantes vacinadas caiu para 3,1%.

De acordo com Eliana, a pesquisa verificou ainda que o imunizante já foi capaz de produzir um certo “efeito rebanho”:

“Nós também percebemos nas meninas um efeito populacional da vacinação. Mesmo entre aquelas que não foram vacinadas, nós tivemos uma diminuição da prevalência de HPV.”

Isso acontece porque a vacinação em altas coberturas diminui a circulação dos agentes causadores de doença, protegendo indiretamente toda a população. Na parcela de meninas e mulheres não vacinadas, a prevalência dos quatro tipos de HPV combatidos pela vacina foi de 10,5% na segunda fase da pesquisa.

Já entre os homens, a prevalên-

cia desses subtipos do vírus caiu de 13,8% para 4,6% entre os vacinados, mas não houve mudança estatisticamente significativa entre os participantes não vacinados da segunda fase. De acordo com Eliana, a explicação é a baixa cobertura vacinal desse público.

“Esse achado não é inesperado, uma vez que os meninos costumam receber menos incentivo à vacinação contra o HPV do que as meninas, em parte porque o vírus ainda é amplamente percebido como uma causa predominantemente do câncer do colo do útero”, destaca a prévia do artigo que será publicado na revista *npj Vaccines* com os resultados da pesquisa.

Vacinação eficaz

Outro dado reforça o poder e a importância da vacina é que, entre as duas fases da pesquisa, a prevalência geral de HPV na população, considerando todos os subtipos existentes, subiu de 46,7% para 56,6%, ao contrário do que aconteceu com os quatro subtipos combatidos pelo imunizante.

A pesquisa também encontrou evidências de que o esquema atu-

al oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de apenas uma dose, é eficaz, porque não encontrou diferença na prevalência do vírus comparando pessoas vacinadas com uma, duas ou três doses.

A vacinação contra o HPV pelo Sistema Único de Saúde começou em 2014, apenas com meninas, mas passou a englobar também os meninos a partir de 2017, com algumas mudanças na faixa etária ao longo dos anos. Em 2024, o esquema básico mudou de duas doses para uma.

Hoje, o público-alvo são todas as crianças e adolescentes de 9 a 14 anos, além de alguns públicos adultos vulneráveis, como imunossuprimidos, vítimas de violência sexual, usuários de profilaxia pré-exposição para prevenção do HPV e pessoas que já tiveram lesões precursoras no colo do útero.

O HPV, sigla para papilomavírus humano, é o principal causador do câncer do colo do útero, mas também pode provocar a doença em outros órgãos como pênis, ânus e garganta. Nem todo subtipo do vírus têm potencial cancerígeno, mas a vacina disponível no sistema público protege contra os quatro principais tipos oncogênicos. ■



Do novo ao velho: o contexto da violência no Brasil

Ruan Bernardo

Desde o processo de redemocratização, o Brasil experimentou uma trajetória persistente de elevação das taxas de homicídio, consolidando a violência letal como um dos principais desafios da agenda pública nacional. Em 1992, a taxa de homicídios era de 17 mortes por 100 mil habitantes; entretanto, ao longo das décadas seguintes, esse indicador apresentou crescimento contínuo, atingindo seu ápice em 2017, quando alcançou

a marca de 31 homicídios por 100 mil habitantes, segundo dados do Atlas da Violência. Trata-se de um aumento superior a 82% no período, evidenciando a magnitude do agravamento da violência letal no país.

Embora tenham ocorrido reduções pontuais em determinados anos, a tendência predominante foi de expansão das taxas de homicídio, sendo as quedas temporárias rapidamente sucedidas por novos ciclos de crescimento. Esse comportamento revela a persistência de fatores estruturais associados à dinâmica da violência, bem como as limitações históricas das estratégias de prevenção

e controle adotadas pelo poder público.

Nesse contexto, merece destaque a inflexão observada a partir de 2018, quando o país passou a registrar uma trajetória consistente de redução dos homicídios. Tal movimento resultou, em 2024, no menor patamar de violência letal das últimas três décadas, com uma taxa de 19 homicídios por 100 mil habitantes. Esse resultado representa um novo marco relevante para a segurança pública brasileira, recolocando o país em níveis semelhantes aos observados em 1994. A redução recente das taxas de homicídio constitui, portanto, um importante avanço social e institucional.

A redução das taxas anuais de homicídios é, sem dúvida, um dado que merece ser comemorado. No entanto, é necessário ampliar as lentes dessa discussão para compreender se essa queda representa, de fato, um avanço na garantia do direito à vida ou se também pode ocultar outras formas de violência e vulnerabilidade social. Nesse sentido, os dados da Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas, disponibilizados pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, que iniciaram em 2015, oferecem um importante ponto de atenção. Considerando o período entre 2015 e a metade de 2026, aproximadamente 11 anos e meio, a média anual de registros de desaparecimento foi de 76.649 pessoas. Isso equivale a cerca de 211 pessoas desaparecidas por dia, evidenciando a magnitude de um problema que frequentemente permanece à margem dos debates sobre segurança pública.

O elevado número de desaparecimentos se mantém justamente no mesmo contexto em que o Brasil registra uma redução consistente das taxas de homicídio. Nesse cenário, torna-se fundamental territorializar a análise

desses dados para compreender como ambos os fenômenos se distribuem pelo país. Os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná concentram, juntos, 63% dos 881.470 registros de desaparecimento contabilizados no período analisado. Ao mesmo tempo, entre 2014 e 2024, essas unidades federativas apresentaram reduções expressivas em suas taxas de homicídio por 100 mil habitantes, de 53,2%, 44,8%, 38,5%, 39,8% e 31,4%, respectivamente (Atlas da Violência, 2026). Trata-se de uma tendência observada em praticamente todo o território nacional, com exceção de Pernambuco, que registrou crescimento de 1,1% no mesmo período.

Além da persistência dos desaparecimentos, as chacinas, definidas como homicídios múltiplos com pelo menos três vítimas fatais, permanecem como um fenômeno recorrente na realidade brasileira. De acordo com o levantamento da pesquisa Chacinas e a Politização das Mortes no Brasil, entre 2011 e 2022 foram identificados ao menos 929 episódios de chacinas. A expressão “ao menos” é empregada de forma deliberada, uma vez que a metodologia adotada contempla exclusivamente os casos que alcançaram a janela de oportunidade do noticiamento pelos meios de comunicação. Desse modo, é plausível supor a ocorrência de um número significativamente maior de eventos, sobretudo em territórios marcados por menor acesso à informação e reduzida cobertura midiática. No período analisado, registrou-se uma média anual de 84 chacinas, resultando em aproximadamente 391 vítimas fatais e 97 vítimas feridas por ano. Ainda que 2018 represente um ponto de inflexão na trajetória dos homicídios no país, a incidência de chacinas não acompanhou essa tendência de retração. Entre 2019

e 2022, a média anual foi de 81,5 casos, superior à média de 78,5 casos observada nos quatro anos anteriores (2014–2017), indicando a persistência desse padrão de violência letal coletiva, mesmo em um contexto de redução dos homicídios em geral.

Compreende-se que as chacinas mapeadas pela pesquisa foram, muito provavelmente, incorporadas às estatísticas oficiais de homicídios, uma vez que se trata de casos que alcançaram visibilidade pública por meio de registros jornalísticos. Entretanto, o ponto central da discussão não reside na comparação direta entre esses indicadores, mas nas tendências divergentes que eles revelam. Enquanto os homicídios apresentaram uma redução expressiva a partir de 2018, os desaparecimentos permaneceram em patamares elevados e a média anual de chacinas identificadas entre 2019 e 2022 foi superior à observada no período anterior à inflexão. Esse descompasso sugere que a queda dos homicídios, embora relevante, não foi acompanhada por uma redução equivalente de outras formas de violência letal ou potencialmente letal, indicando a necessidade de aprofundar investigações sobre as possíveis relações entre a persistência dos desaparecimentos e a redução dos homicídios registrados.

Em consonância com a necessidade de problematizar essas dinâmicas, uma vez que desaparecimentos, homicídios e chacinas se manifestam em um mesmo contexto territorial, o Brasil, torna-se necessário incorporar outros elementos analíticos que permitam qualificar o significado da redução dos homicídios no país. Em outras palavras, não se trata apenas de compreender a diminuição do número absoluto de homicídios, mas de investigar como essa violência permanece

distribuída de forma profundamente desigual entre diferentes grupos sociais. Segundo o Atlas da Violência (2026), 77% das vítimas de homicídio no Brasil são pessoas negras. A taxa de homicídios entre a população negra alcança 27,3 mortes por 100 mil habitantes, enquanto entre a população não negra esse indicador é de 10,1 por 100 mil habitantes. Isso significa que pessoas negras apresentam um risco de vitimização por homicídio aproximadamente 2,7 vezes maior do que pessoas não negras, evidenciando que a violência letal no país permanece fortemente racializada.

Esse é o novo cenário da violência no Brasil: uma redução dos homicídios que convive com a persistência e, em alguns aspectos, com a intensificação, de problemas historicamente estruturais. A diminuição das mortes registradas não foi acompanhada por uma redução da letalidade policial, tampouco por um declínio consistente da incidência de chacinas ou por alterações substantivas na distribuição racial da violência letal. Esses elementos indicam que a queda dos homicídios, embora relevante, não representa, por si só, uma transformação das estruturas que sustentam a produção da violência no país. Ao contrário, sugerem que a violência de Estado continua desempenhando um papel central na conformação dos conflitos sociais, resultado de um processo histórico marcado pela ampla discricionariedade conferida às forças policiais, pelos elevados níveis de autonomia institucional de suas corporações e, em determinados contextos, pelo avanço das milícias e captura de parcelas do aparato estatal por interesses ilícitos. ■

Ruan Bernardo é estrando em Desenvolvimento Econômico e pesquisador do projeto Reconexão Periferias.



Lula ao Washington Post: “o destino do Brasil compete apenas aos brasileiros”

Presidente brasileiro analisou o tarifaço imposto por Donald Trump em artigo assinado neste domingo (26) no tradicional jornal estadunidense

Henrique Nunes

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, em artigo publicado no jornal Washington Post neste domingo (26), que as tentativas de impor amarras ideológicas à parceria bilateral entre Brasil e Estados Unidos não se sustentam. “Ninguém vai nos derrotar com base em mentiras”, declarou.

Para o chefe de Estado brasileiro além de injustas, as novas tarifas são um erro estratégico. “Elas prejudicam a economia dos Estados Unidos e a parceria com o Brasil. Diversos segmentos industriais dos Estados Unidos dependem de insumos brasileiros. Alimentos, calçados, têxteis, mó-

veis, autopeças e vários outros produtos chegarão mais caros ao consumidor norte-americano”.

Lula também reiterou que o Brasil tem tentado há mais de um ano negociar com o governo dos EUA para encontrar um caminho diplomático em relação às tarifas, mas que os dados apresentados foram negligenciados pela gestão de Trump.

“Negociações entre nós e decisões da Suprema Corte dos EUA desmontaram a primeira versão do tarifaço. Mas este mês, desconsiderando dezenas de reuniões entre nossas equipes, sólidos argumentos técnicos e documentos que entreguei pessoalmente ao próprio Trump, o governo norte-americano decidiu adotar novas tarifas contra o Brasil que vão de 12,5% a 37,5%”, reiterou.

O presidente brasileiro, no entanto, reiterou que não abrirá

mão da soberania nacional e que continuará defendendo os interesses do país até encontrar uma solução para reverter os reais interesses na imposição das tarifas.

“Respeitamos a soberania de outros Estados e negociamos com todos aqueles que saibam respeitar a nossa. A reciprocidade é a base de toda relação entre nações e temos mecanismos apropriados para assegurá-la. Estamos prontos a continuar dialogando de maneira aberta e construtiva, como o relacionamento entre dois países como o Brasil e os Estados Unidos requer. Mas o destino do Brasil compete apenas aos brasileiros, sem interferência externa, nem subserviência”.

Entenda o tarifaço

O chamado “tarifaço” imposto pelos Estados Unidos consolidou-se como um dos maiores desafios para o comércio exterior brasileiro, com a entrada em vigor de duas taxas severas que, combinadas, elevam a tributação sobre produtos industriais do país a até 37,5%.

A ofensiva de Washington utiliza justificativas jurídicas distintas: uma tarifa de 25% sob a alegação de barreiras brasileiras em tecnologia e no sistema Pix, somada a um adicional de 12,5% sob o argumento de falhas na fiscalização contra o trabalho forçado, argumentos que não se sustentam.

A estratégia americana atingiu severamente setores de valor agregado como madeira, calçados e máquinas agrícolas, concentrando os prejuízos em polos industriais das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Apesar do forte impacto setorial e do salto na tarifa média, que colocou o Brasil como o segundo país mais taxado pela Casa Branca, o abalo macroeconômico total tem sido mitigado pelo bom desempenho das exportações brasileiras para a China e a Europa, este último impulsionado pelo avanço do acordo Mercosul-União Europeia. ■



Convenções oficializam candidaturas e expõem interferência externa na eleição

Presença de Milei e vídeo de Netanyahu na convenção do PL provocaram crise diplomática; PT lançou Haddad em Campinas e PDT declarou apoio a Lula

O segundo fim de semana do período de convenções partidárias oficializou mais uma série de candidaturas à Presidência da República e transformou a interferência estrangeira na disputa brasileira no principal tema da pré-campanha.

O PL homologou, no sábado, 25, no Pacaembu, em São Paulo, a candidatura do senador Flávio Bolsonaro (RJ), sem definir o vice-presidente nem fechar coligações. O evento contou com a participação do presidente da Argentina, Javier Milei, vídeo do primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, em apoio ao candidato, e um vídeo produzido com inteligência artificial simulando a imagem e a voz de Jair Bolsonaro (PL), preso em regime domiciliar após condenação por tentativa de golpe de Estado.

No discurso, Milei chamou o ministro Alexandre de Moraes, do STF, de “basura calva” (lixo careca), ao criticar a decisão que o impediu de visitar Bolsonaro. O governo brasileiro reagiu com a convocação do embaixador em Buenos Aires para consultas em Brasília, procedimento que especialistas consideraram uma crise diplomática.

A convenção foi marcada por ausências. Não compareceram a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro — que enviou vídeo com menção protocolar ao candidato e teve a imagem representada por um tótem de papelão —, os irmãos Carlos e Eduardo Bolsonaro, o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) e o pastor Silas Malafaia. Segundo a Folha de S.Paulo, parte do público deixou o ginásio durante o discurso de Flávio.

Uso de IA

O PT protocolou representação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contra o vídeo gerado por IA, sob a alegação de propaganda antecipada, violação das regras sobre deepfakes e descumprimento das medidas cautelares impostas a Bolsonaro. O vice-líder do governo na Câmara, deputado Lindbergh Farias (PT-RJ), pediu à PGR a apuração de crime eleitoral.

O ex-ministro do TSE Henrique Neves afirmou que o artigo 337 do Código Eleitoral tipifica como crime a participação de estrangeiro ou de pessoa com direitos políticos suspensos em atividades partidárias, com pena de detenção de seis meses e multa. Segundo ele, a substituição de candidato só é possível em caso de renúncia, morte ou expulsão partidária, até 20 dias antes do pleito, e a chapa não pode ser registrada incompleta.

O PSD oficializou, no domingo, 26, em São Paulo, a candidatura do ex-governador de Goiás, Ronaldo Caiado, com o presidente da legenda, Gilberto Kassab, como vice, em chapa formada apenas por filiados. Caiado classificou como “inadmissível” que os Estados Unidos coloquem em dúvida a lisura das eleições brasileiras e afirmou que a candidatura de Flávio está sendo construída “de fora para dentro”. O partido, porém, mantém alianças divergentes: apoia Tarcísio em São Paulo e tem diretórios com Lula no Rio, na Bahia e no Nordeste.

Na segunda-feira, 27, o Novo indicou o ex-governador de Minas Gerais Romeu Zema à Presidência, em Brasília, também sem vice definido — decisão adiada para 5 de agosto. MDB e Progressistas realizaram convenções na capital federal, com previsão de neutralidade na disputa presidencial ou de delegação da decisão às executivas nacionais.

O partido Missão, criado a partir do Movimento Brasil Livre (MBL) e registrado no TSE em no-

vembro de 2025, antecipou sua convenção nacional e oficializou Renan Santos como candidato à Presidência. A legenda fará em 1º de agosto um evento para divulgar seu programa de governo.

PT confirma Fernando Haddad ao governo de SP e chapa de senadores e deputados

O PT realizou, no mesmo fim de semana, em Campinas, sua convenção estadual, na qual lançou Fernando Haddad ao governo de São Paulo, Márcio França (PSB) como vice e Marina Silva (Rede) e Simone Tebet (PSB) ao Senado. Presente ao ato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que “quem quiser de fora vir se meter nas eleições brasileiras vai apenhar muito”. Haddad criticou a condecoração concedida a Milei pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) no Palácio dos Bandeirantes.

O PT vai disputar o governo em 11 capitais como cabeça de chapa.

Convenções em outros estados

Nas convenções estaduais, o PSD confirmou Eduardo Paes ao governo do Rio, com Jane Reis (MDB) como vice, e Sandro Alex ao Paraná. O Republicanos lançou Anthony Garotinho no Rio.

O PT realiza sua convenção nacional em 2 de agosto, em São Paulo, para confirmar Lula à reeleição, com Geraldo Alckmin (PSB) como vice. O PDT anunciou, na segunda-feira, seu apoio à reeleição de Lula.

O prazo para as convenções vai de 20 de julho a 5 de agosto. As atas devem ser transmitidas à Justiça Eleitoral pelo sistema CANDex até o dia seguinte ao evento, conforme o TSE. O registro das candidaturas deve ser pedido até as 19h de 15 de agosto, e a campanha começa em 16 de agosto. ■

Mulheres negras são maioria da população mas têm apenas 7,46% dos mandatos nas Câmaras Municipais

Para Simone Nascimento, dado reflete o funcionamento de um sistema político estruturado para manter o poder na mão dos homens brancos e ricos

Rose Silva

As mulheres negras compõem a maior parte da população do país – são mais de 60 milhões, 28,5% dos brasileiros, e correspondem também à maior percentagem de brasileiros em idade ativa: 48,3 milhões, ou 28,4% do total. No entanto, dados do Tribunal Superior Eleitoral mostram que elas representavam apenas 4,98% das candidatas eleitas para mandatos legislativos nas câmaras municipais em 2016, 6,36% em 2020 e 7,46% em 2024. No mesmo intervalo, os homens brancos seguiram como o grupo dominante: 48,66% dos eleitos em 2016, 44,02% em 2020 e 42,35% em 2024. Ainda que a hegemonia esteja em leve declínio, o ritmo da mudança é lento e desigual.

Nos últimos anos o número de mulheres negras que disputaram mandatos legislativos aumentou, mas pouquíssimas conseguiram se eleger. No Congresso Nacional as negras ocupam apenas 8% das cadeiras. Nas assembleias legislativas, as negras também seguem sub-representadas. Enquanto o número de mulheres brancas eleitas em 2022 continuou praticamente o mesmo, o de negras (pretas e pardas) subiu de 51 para 74 cadeiras em um universo de 1.059 parlamentares.

De acordo com a co-deputada estadual da Bancada Feminista do PSOL na Alesp, Simone Nascimento, que é coordenadora estadual do Movimento Negro Unificado em São Paulo, a disparidade se torna ainda mais evidente quando analisados os dados de suplência. Em 2024, as mulheres negras chegaram a 20,63% das suplentes (15,78% pardas e 4,85% pretas), o que sugere uma participação crescente nas disputas eleitorais. Porém, entre a suplência e a eleição, persiste um abismo, o que mostra que são muitas na base da disputa, mas poucas chegam ao topo do processo.

Para ela, esse dado reflete o funcionamento de um sistema político estruturado para manter o poder na mão dos homens brancos e ricos. “As barreiras que as mulheres negras enfrentam na política não estão apenas nas urnas, mas em todas as etapas do processo eleitoral: desde a filiação partidária e a distribuição dos fundos eleitorais até o acesso à mídia, o preconceito de classe, racial e de gênero nas campanhas e a lógica das alianças políticas. Nossa presença é marcante, é simbólica, é forte, mas ela ainda é muito aquém da necessidade da democracia brasileira”, diz.

Formação de lideranças – A auto-organização das mulheres negras na construção de imaginários e lideranças políticas desde os territórios para fortalecer a

organização comunitária é o principal caminho para vencer as barreiras que impedem seu acesso e representatividade na política, de acordo com Simone Nascimento, mas o fortalecimento das políticas públicas também é essencial.

“Desde de termos direito a moradia, trabalho e renda, sair do mapa da fome, ter rede de apoio na manutenção e cuidado da sociedade, das famílias, sair do lugar da subalternidade, sair da base da pirâmide social, como o IBGE mostra. Para que a gente possa, de fato, avançar na disputa da consciência da classe trabalhadora brasileira, precisamos estar cada vez mais organizadas e mobilizadas. Mas também é necessário fortalecer mecanismos que permitam que a jornada das mulheres negras se traduza na possibilidade de elaboração e participação política”, afirma.

A Marcha das Mulheres Negras, que completou uma década em 25 de julho, foi um processo que possibilitou o crescimento dessa porcentagem, ainda que pequena, das mulheres que ocupam cargos no parlamento. Elas foram eleitas depois da primeira grande Marcha Nacional em Brasília, que movimentou a estrutura de lideranças de mulheres negras no Brasil todo em uma grande frente de luta, que apostava num projeto de utopia, de futuro, pautado no bem viver e nas relações comunitárias. ■

MEMÓRIA, POVO E FUTURO

o papel dos arquivos, museus e centros de memória no Brasil e na China



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Centro de Memória da FPA discute papel dos museus na China e no Brasil

Com a participação de uma delegação do Partido Comunista da China, o debate fortalece laços de intercâmbio na experiência de trabalho com acervos políticos

Claudia Rocha

Com o objetivo de reforçar os laços estabelecidos entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista da China no âmbito da preservação da memória, foi realizado nesta segunda-feira (27) um debate sobre o setor dos museus e outras instituições nos dois países.

O encontro intitulado “Memória, povo e futuro: o papel dos arquivos, museus e centros de memória no Brasil e na China” teve a mediação de Elen Coutinho, diretora da Fundação Perseu Abramo

responsável pelo Centro de Documentação e Memória Política Sérgio Buarque de Holanda (CSBH).

Os palestrantes foram Li Zongyuan, diretor do Museu do Partido Comunista da China, Fernanda de Castro, presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e Ramatis Jacino, doutor em História e professor da Universidade Federal do ABC (UFABC).

A presidente do Ibram trouxe dados comparativos entre o número de instituições nos dois países, apontando que ambos tiveram expressivo crescimento a partir dos anos 2000. O predomínio é de instituições públicas (57% no Brasil e 70% na China). Um dos destaques no território

chinês tem relação com a gratuidade dos espaços, cerca de 90% possuem entrada gratuita.

A China possui 7.046 museus, enquanto o Brasil 4.128, além de 536 pontos de memória, que são locais organizados formados a partir de iniciativas populares, muitas vezes para preservação da história de comunidades, e que são certificados pelo Ibram.

A presidente da organização ressaltou a importância dos museus para a geração de emprego e renda, o crescimento do turismo, divulgação de diferentes culturas, fortalecimento do sentimento de pertencimento ou até mesmo o questionamento da história contada a partir de determinados

MEMÓRIA, POVO E FUTURO

o papel dos arquivos, museus e centros de memória no Brasil e na China



Ramatis
Jacino



Fernanda
Santana Rabello
de Castro



Li
Zongyuan



MEDIADORA

Elen
Coutinho

pontos de vista. Além disso, a produção de conhecimento também foi destacada, pois os museus foram reconhecidos com instituições de promoção da ciência e tecnologia.

Fernanda Castro citou o Plano Nacional Setorial de Museus (de 2025 a 2035) com o objetivo de orientar as políticas públicas do setor, focado em modernização da gestão, preservação do patrimônio e participação social. Elaborado desde 2009, o plano tem 13 pontos para o setor museal, com colaboração da sociedade civil.

A relação das políticas públicas com o tema da cultura é considerada um pilar importante. A museóloga lembra uma frase célebre do ex-ministro da Cultura Gilberto Gil que diz que “a cultura deve ser para o povo igual arroz e feijão”.

“A cultura, a memória e os museus são fatores de transformação social. São direitos básicos, serviços prestados no cotidiano social. São ativos econômicos, sociais e políticos, criam importantes oportunidades de trocas”, afirma a presidente do Ibram.

O historiador Ramatis Jacino trouxe detalhes sobre o trabalho de recuperação do acervo pre-

sidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, do qual ele faz parte junto a uma equipe de 30 profissionais que catalogam materiais como livros, roupas, artes plásticas, artesanatos, cartas, fotografias, vídeos e áudios que fazem parte do arquivo do presidente.

O professor da UFABC conta que para a retirada desse material do palácio foram necessárias 8 carretas e que os pertences estiveram em um galpão no Sindicato dos Metalúrgicos durante um tempo sem os devidos cuidados para a preservação. Ele também relata o fato de que objetos acabaram sendo violados e danificados no período de perseguição política a Lula, com as operações de busca realizadas pela Polícia Federal.

Até o momento, cerca de 40% do material já passou por triagem. “Estamos ansiosos para disponibilizar o acervo para pesquisadores e para o público em geral”, comenta Ramatis Jacino.

O diretor do museu do PCCh, Li Zongyuan, apontou que, dos mais de 7 mil museus cadastrados no país, mais de 3 mil tratam de algum tema relacionado ao partido, desde o período da revolução até os dias de hoje.

Li Zongyuan ressaltou a importância de construção de um imaginário junto à população a partir da memória e, nesse sentido, opina ser válido que “o PT entenda como quer deixar registrada a sua história”.

O membro do PCCh elogiou o trabalho do CSBH e a forma como a Fundação Perseu Abramo registra a parceria sino-brasileira na política. Zongyuan declara que o diálogo entre os partidos foi iniciado de uma maneira positiva com o intercâmbio de conhecimento.

Em janeiro deste ano, uma comitiva do CSBH visitou a China para conhecer o museu do Partido Comunista da China e outros espaços de preservação da memória política. A diretora do CSBH, Elen Coutinho, lembra da visita e destaca o forte papel educativo que os museus desempenham na sociedade chinesa, com a alta frequência dos estudantes das escolas nos espaços.

A agenda da delegação chinesa segue ao longo da semana com outras visitas agendadas como no museu do Ipiranga, que fica em São Paulo e foi reaberto recentemente como um dos principais do país. ■



Da Guerra Fria aos algoritmos: como a religião ajudou a transformar a cultura brasileira

O Brasil conseguirá preservar sua tradição de convivência, solidariedade, diversidade cultural e organização comunitária diante de uma sociedade moldada por algoritmos, pela lógica do mercado e pela valorização crescente do indivíduo?

José Carlos Lima

A identidade cultural brasileira está passando por uma das maiores transformações de sua história. Esse processo não pode ser explicado apenas pelo crescimento das igrejas neopentecostais nem apenas pela revolução digital. Ele resulta do encontro entre mudanças religiosas, econômicas, políticas e tecnológicas que, ao longo dos últimos setenta anos, alteraram profundamente a forma como os

brasileiros vivem a fé, compreendem a sociedade e se relacionam entre si.

O Brasil sempre foi uma nação marcada pelo sincretismo religioso, pela convivência entre diferentes tradições e por um forte espírito comunitário. Nossa cultura foi construída pela mistura de povos indígenas, africanos, europeus e migrantes de diversas origens. A solidariedade, a vida em comunidade e a capacidade de conviver com as diferenças tornaram-se características marcantes da sociedade brasileira.

Entretanto, essa identidade começou a ser desafiada ainda du-

rante a Guerra Fria.

Naquele contexto, América Latina e Brasil tornaram-se espaços estratégicos da disputa entre capitalismo e socialismo. Ao mesmo tempo em que cresciam os movimentos populares, sindicais e estudantis, a Igreja Católica aproximava-se das periferias por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), fortalecidas pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín. A partir delas, milhares de leigos passaram a organizar pequenas comunidades de fé, solidariedade e participação social, suprimindo a escassez de sacerdotes provocada pela rápida

urbanização e pelo intenso êxodo rural.

Foi também nesse período que a Teologia da Libertação ganhou força ao defender uma leitura do Evangelho comprometida com a justiça social, a superação da pobreza e a organização popular.

Paralelamente, intensificou-se a atuação de missionários protestantes norte-americanos e canadenses na América Latina. O objetivo declarado dessas missões era ampliar a evangelização. Contudo, diversos pesquisadores sustentam que essa expansão também se inseria no ambiente ideológico da Guerra Fria, quando organizações religiosas passaram a ser vistas, por diferentes atores, como parte da disputa pela influência política e cultural no continente. Nesse contexto, movimentos de esquerda e a crescente presença da Igreja Católica nas periferias tornaram-se importantes focos de oposição de setores religiosos anticomunistas.

Desse ambiente nasceram ou ganharam força novas denominações pentecostais, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor e a Casa da Bênção. Esta última, fundada pelo missionário canadense Robert McAlister, influenciou diretamente uma geração de líderes que daria origem ao neopentecostalismo brasileiro.

Nas décadas seguintes surgiram igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Renascer em Cristo e a Mundial do Poder de Deus. Embora diferentes entre si, essas denominações compartilhavam características comuns: intensa utilização dos meios de comunicação, administração altamente profissionalizada, forte presença nas periferias urbanas e uma teologia centrada na experiência individual da fé.

A Teologia da Prosperidade passou a afirmar que a bênção

divina também se manifesta por meio do sucesso material, da saúde e da prosperidade econômica. A salvação deixou de ser apresentada apenas como uma promessa futura e passou a ser percebida também como vitória sobre os problemas da vida cotidiana.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica vivia um período de mudanças internas. Durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, a Teologia da Libertação sofreu fortes restrições doutrinárias, enquanto as Comunidades Eclesiais de Base perderam espaço e influência. Sem abandonar sua missão social, a Igreja reduziu sua capacidade de organização popular justamente no momento em que as igrejas pentecostais ampliavam rapidamente sua presença nos bairros populares.

Outro fenômeno decisivo foi o surgimento da cultura gospel.

A Igreja Batista da Lagoinha, sob a liderança do pastor Márcio Valadão, desempenhou papel fundamental nesse processo. O ministério Diante do Trono, liderado por Ana Paula Valadão, transformou a música evangélica em um fenômeno nacional. A partir daí consolidou-se uma poderosa indústria cultural formada por gravadoras, editoras, rádios, emissoras de televisão, grandes eventos e, mais recentemente, influenciadores digitais.

A religião deixou de ocupar apenas os templos para tornar-se também entretenimento, mercado e produção permanente de conteúdo.

Então chegou a internet.

As redes sociais aceleraram uma transformação que já estava em curso. Pela primeira vez na história brasileira, a formação de valores deixou de depender prioritariamente da família, da escola, das igrejas e das organizações comunitárias. Hoje, algoritmos decidem quais mensagens religiosas, políticas e culturais alcan-

çarão milhões de pessoas todos os dias.

Essa mudança coincide com outra transformação mais profunda: a passagem de uma cultura fortemente comunitária para uma lógica cada vez mais individualista. Enquanto as Comunidades Eclesiais de Base valorizavam a solidariedade, a participação popular e a transformação coletiva da sociedade, boa parte da religiosidade contemporânea enfatiza a realização pessoal, o empreendedorismo individual, a prosperidade econômica e a responsabilidade exclusiva do indivíduo pelo próprio sucesso.

Não se trata de afirmar que todas as igrejas pensam da mesma maneira, nem de reduzir a complexidade da história religiosa brasileira a uma única interpretação. O campo religioso permanece plural e abriga experiências muito diversas. Contudo, é difícil ignorar que a expansão do neopentecostalismo coincidiu com profundas mudanças culturais, econômicas e tecnológicas que fortaleceram valores mais individualistas.

A pergunta que permanece é maior do que a religião.

O Brasil conseguirá preservar sua tradição de convivência, solidariedade, diversidade cultural e organização comunitária diante de uma sociedade moldada por algoritmos, pela lógica do mercado e pela valorização crescente do indivíduo?

Responder a essa questão talvez seja um dos maiores desafios intelectuais e políticos do nosso tempo. Afinal, o debate já não diz respeito apenas ao futuro das igrejas, mas ao futuro da identidade cultural brasileira e da própria democracia. ■

José Carlos Lima, Dirigente da Fundação Verde Herbert Daniel, advogado, ambientalista e amazônida



Na Flip, Angela Davis alerta para ascensão da extrema direita no mundo

Escritora, filósofa e ativista Angela Davis também fez críticas ao aumento da concentração de renda no mundo em sua décima passagem pelo Brasil

Henrique Nunes

Durante a sua décima visita ao Brasil, desta vez para participar da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), neste sábado (25), a escritora, filósofa e ati-

vista Angela Davis fez críticas ao aumento da concentração de renda no mundo e ao avanço da extrema direita na América Latina, Europa e Estados Unidos.

“Vivemos um momento em que bilionários e trilionários exploram a terra e parecem se importar apenas em acumular cada vez mais riqueza. Eles são respon-

sáveis não apenas pela exploração dos seres humanos, mas também pela exploração desenfreada dos recursos naturais, a ponto de a devastação ambiental alcançar um nível tão grave que talvez, no futuro, já não exista um planeta habitável”, criticou.

Em seguida, fez críticas diretas ao avanço de ideias reacionárias no mundo, controladas pelas camadas dominantes: “O fascismo está em ascensão nos Estados Unidos, na Europa e aqui na América Latina. Mas não entre o povo”.

Aos 82 anos, a filósofa e ativista norte-americana também aproveitou para elogiar a cultura afro-brasileira. “Tenho que admitir que o Brasil é meu lugar favorito no mundo. Quase podemos sentir a presença dos ancestrais aqui, neste lugar. Essa dimensão cultural é o que celebramos esta noite”.

Ativismo

Nascida em 1944 no segregado estado do Alabama, Angela Davis aliou sua sólida formação em filosofia marxista à militância ativa, aproximando-se do Partido Comunista e do Partido dos Panteras Negras.

A sua trajetória ficou mundialmente marcada em 1970, quando foi injustamente acusada de conspiração e sequestro, o que a levou à lista dos mais procurados do FBI. A sua prisão gerou a massiva campanha internacional “Liberem Angela Davis”, que resultou em sua absolvição total em 1972, após passar 16 meses em cárcere.

Hoje, Angela é reconhecida como uma das principais vozes do feminismo negro e da crítica ao encarceramento em massa. Seus livros, como “Mulheres, Raça e Classe”, defendem que as opressões sociais estão interligadas e continuam inspirando movimentos sociais contemporâneos ao redor do mundo. ■



‘Um Por Todos, Todos Por Lula’ terá lançamento nesta terça-feira

Livro que rememora a campanha Lula Livre traz entrevistas, relatos e documentos, além de um caderno de fotografias que resgata dimensão humana do movimento

Redação Focus Brasil

O jornalista e escritor Haroldo Ceravolo Sereza lança nesta terça-feira, 28 de julho, às 18h30, o livro reportagem *Um por todos, todos por Lula* (Autêntica), sobre os bastidores da Campanha Lula Livre, que mobilizou milhões de brasileiros entre abril de 2018 e novembro de 2019. Durante o evento de lançamento, o autor participa de um bate-papo com dois coordenadores da campanha: Paulo Okamoto, do Instituto Lula, e João Pedro Stédile, do MST.

Com base em entrevistas, documentos e relatos de quem par-

ticipou diretamente dessa trajetória, a obra revela como diferentes setores da sociedade se uniram em defesa dos direitos políticos, da democracia e da participação cidadã. Além da narrativa histórica, a edição traz um caderno especial de fotografias que resgata a dimensão humana, simbólica e coletiva desse movimento.

De acordo com o autor, o livro nasceu da consciência sobre a importância de registrar essa campanha, uma das mais cívicas protagonizadas pelo povo brasileiro desde as Diretas Já. “Não foi apenas uma campanha pela liberdade do Lula, envolveu também a defesa da democracia. O livro procura mostrar que foi um amplo movimento de militantes, ex-militantes, pessoas que nunca

havam participado politicamente antes de maneira coletiva e foram descobrindo formas, ao longo dos quinhentos e oitenta dias em que Lula esteve preso, de lutar contra a violência que eram aquelas condenações de Curitiba”.

Serviço:

Lançamento do livro
Um por todos, todos por Lula
Terça-feira, 28 de julho, às 18h30
Livraria Expressão Popular (Al. Nothman, 806, Campos Elíseos)

Milei e Flavio, incêndios na Europa e pressão externa sobre o Brasil

Da reação do Itamaraty aos ataques de Javier Milei ao avanço dos incêndios florestais na Europa, a semana expôs tensões políticas, climáticas e diplomáticas em diferentes regiões do mundo



TV BRASIL

Por Fernanda Otero

A semana foi marcada por uma escalada de tensões diplomáticas envolvendo o Brasil, pela expansão de incêndios florestais em diferentes partes da Europa e por novos movimentos da extrema direita diante de episódios de violência. Em comum, os acontecimentos revelam como crises políticas, ambientais e sociais passaram a se alimentar mutuamente em um cenário internacio-

nal cada vez mais instável.

Na América do Sul, o governo brasileiro reagiu aos ataques de Javier Milei contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro Alexandre de Moraes durante a convenção que oficializou a candidatura de Flávio Bolsonaro. O episódio elevou o tom da relação entre Brasil e Argentina e levou o Itamaraty a convocar os embaixadores dos dois países para tratar do caso.

Ao mesmo tempo, a Europa

voltou a enfrentar incêndios de grandes proporções, com milhares de pessoas retiradas de suas casas e áreas naturais destruídas em França, Espanha, Itália, Irlanda e Escócia. Em Berlim, um ataque nas proximidades da Parada do Orgulho reacendeu o debate sobre terrorismo, leis antiextremismo e o avanço eleitoral da extrema direita. Já na relação entre Brasil e China, Xi Jinping manifestou apoio à soberania brasileira diante da pressão tarifária exercida pelos Estados Unidos.



Brasil convoca embaixador após ataques de Milei a Lula e Moraes

O governo brasileiro convocou neste domingo, 26, seu embaixador na Argentina, Julio Bitelli, para consultas, em reação aos insultos proferidos pelo presidente argentino Javier Milei contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e outras autoridades durante ato político realizado em São Paulo. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, o governo também convocou o embaixador argentino no Brasil para tratar do episódio.

Milei viajou ao Brasil para participar, no sábado, 25, da convenção do Partido Liberal que oficializou a candidatura do senador Flávio Bolsonaro à Presidência. Durante o discurso, sem citar nomes diretamente, chamou Lula de “condenado” e “ladrão” e se referiu ao ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de

Moraes como “careca lixo”.

O presidente argentino também alertou para um suposto “risco Lula” e conclamou o Brasil a se libertar da “subjugação à esquerda”. Para uma fonte diplomática brasileira ouvida pela AFP, Milei “insultou dois Poderes, o povo brasileiro e a democracia brasileira”.

Milei afirmou ainda que Moraes o teria impedido de visitar seu “amigo injustamente preso” Jair Bolsonaro, condenado por envolvimento na tentativa de golpe de 2022. O magistrado já havia negado autorização para a visita ao ex-presidente, que cumpre prisão domiciliar em Brasília.

Durante a posse da presidência do Sindicato dos Metalúrgicos, no domingo, Lula reagiu. Sem citar nomes, afirmou que seguirá governando “sem a interferência de

ninguém”, porque “no Brasil não aceitamos que ninguém meta o nariz onde não deve”.

Mais tarde, em entrevista à Rádio Mitre, Milei sustentou que a Argentina seria alvo de uma campanha negativa financiada por Brasil, México e pelo Partido Democrata dos Estados Unidos. “São os líderes progressistas que não querem que as ideias de liberdade funcionem”, afirmou, sem apresentar evidências.

O argentino parecia se referir, em parte, às críticas dirigidas à seleção de seu país durante a Copa do Mundo. A Espanha venceu a final por 1 a 0 em uma partida marcada por faltas, confusão em campo e jogadores argentinos de costas durante a cerimônia de premiação, episódio que rendeu acusações de falta de espírito esportivo.

Do site France 24/7

Incêndios sem precedentes ameaçam Bordeaux e devastam regiões da Espanha

As chamas chegaram neste domingo, 26, aos arredores de Bordeaux, cidade histórica no coração da região vinícola francesa, enquanto França e Espanha enfrentavam incêndios florestais que já forçaram a retirada de centenas de milhares de pessoas.

Na França, cerca de 220 mil moradores foram evacuados. Na Espanha, mais de 75 mil deixaram suas casas e outros 30 mil receberam ordem de permanecer abrigados.

O fogo devastou a península de Cap Ferret, na costa atlântica francesa, e avançou pelas áreas próximas à capital regional. O prefeito Thomas Cazenave informou que as chamas estavam a cerca de 15 quilômetros dos acessos à cidade e descartou, por enquanto, a evacuação da região metropolitana, onde vivem cerca de 850 mil pessoas.

“Temos um incêndio que não está sob controle e que se move em direção à área urbana. A situ-

ação geral é muito desfavorável, estamos diante de um cenário sem precedentes”, afirmou o ministro do Interior, Laurent Nuñez, à France 24/7.

Durante a madrugada, policiais percorreram casa a casa os municípios de Marcheprime e Cestas para retirar moradores.

Na Espanha, o primeiro-ministro Pedro Sánchez visitou as áreas atingidas em Ávila, uma das três províncias centrais afetadas, ao lado de Madri e Toledo. Segundo a ministra do Meio Ambiente, Sara Aagesen, o fogo já consumiu mais de 50 mil hectares na província, no maior incêndio da história recente do país.

Outro foco, em Castellón, no leste, destruiu mais de 4.300 hectares e entrou no parque natural da Serra de Espadán, região de pinheiros e sobreiros.

“O incêndio está fora de controle, é muito difícil de extinguir do ponto de vista técnico, sobretudo pelas condições meteorológicas

adversas”, disse o líder regional de Valência, Juanfran Pérez.

Sánchez anunciou que declararia nesta terça-feira, 28, emergência de proteção civil nas províncias centrais, liberando recursos adicionais. Mais de 150 mil hectares queimaram na Espanha desde janeiro, área seis vezes maior que a destruída no mesmo período do ano passado.

Pelo mecanismo de proteção civil da União Europeia, Grécia e Itália enviaram dois aviões Canadair cada uma à Espanha. Portugal deslocou mais de 100 militares e equipamentos, e duas aeronaves também foram enviadas pela Turquia.

Os incêndios são o mais recente desastre associado à seca prolongada e às sucessivas ondas de calor intensificadas pelas mudanças climáticas, segundo cientistas. Tanto em Bordeaux quanto em Ávila, as máximas de julho ficaram em média em 32 °C, quase 6 °C acima do padrão registrado entre 1961 e 1990, conforme o Reuters Climate Monitor.

O papa Leão, de sua residência de verão em Castel Gandolfo, manifestou solidariedade e convocou orações “por todos os afetados e pelas equipes de resgate”.

Fogo se espalha por diferentes regiões da Europa

Na Escócia, cerca de 500 bombeiros combatem desde 15 de julho um grande incêndio no Parque Nacional de Cairngorms. Moradores da vila de Nethy Bridge, retirados na sexta-feira, puderam voltar no sábado.

Na Itália, focos fecharam por horas um trecho sul doanel viário de Roma e uma via de acesso à capital. As chamas também obrigaram a retirada de turistas de balneários na região do Gargano, na Puglia, alguns resgatados por mar pela guarda costeira, e suspenderam temporariamente o tráfego ferroviário perto de Acireale, na

Sicília, e ao sul de Termoli.

Na Irlanda, equipes de resgate enfrentaram no sábado, 25, o sexto dia de combate às chamas em Slievenamon, no condado de Tipperary, onde a atividade do fogo voltou a crescer no flanco sul da montanha.

“Havia áreas já extintas ou sob controle que voltaram a queimar”, relatou ao RTE a chefe adjunta interina do serviço de bombeiros, Carol Kennedy.

A população foi orientada a evitar a região, manter portas e janelas fechadas nas áreas atin-

gidas pela fumaça e dobrar os cuidados com crianças, idosos, gestantes e pessoas com doenças respiratórias ou cardíacas. Pecuaristas foram aconselhados a retirar os animais das zonas afetadas.

Em Wicklow, o principal incêndio em Glencree foi extinto, embora algumas áreas ainda permanecessem em chamas e a Military Road continuasse fechada. Outro foco, em Glencullen, no condado de Dublin, foi controlado com apoio de drone e de uma unidade especializada 4x4.

Do RTE e EuroNews



Ataque à Parada do Orgulho em Berlim fortalece discurso da extrema direita

O ataque ocorrido na noite de sábado, 25, nas proximidades do Christopher Street Day de Berlim, uma das maiores paradas do Orgulho LGBTQIA+ da Europa, deixou uma mulher morta e 29 pessoas feridas, algumas em estado grave.

Um veículo avançou contra a multidão no parque Tiergarten e o agressor, segundo o ministro do Interior, Alexander Dobrindt, passou depois a atacar pessoas com um machete. O evento foi encerrado imediatamente.

O ministro classificou o caso como “ataque terrorista islamista” e afirmou estar “perplexo e profundamente abalado”. O prefeito-governador Kai Wegner destacou que a ação ocorreu fora do trajeto oficial da parada, mas a poucas centenas de metros de onde muitas pessoas ainda se concentravam.

O hospital Charité informou à agência DPA que quatro pacientes já haviam sido liberados e outros quatro permaneciam em terapia intensiva, nenhum em risco de morte naquele momento.

O suspeito, Abdul Ballout, alemão de 21 anos e de origem libanesa, foi localizado no domingo em uma área de hortas comunitárias no distrito de Spandau, após horas de buscas. Ele morreu em operação policial depois de avançar contra os agentes com uma faca.

Conhecido das autoridades por delitos como lesão corporal, extorsão e roubo, era classificado como radicalizado e propenso à violência. Tentou ir à Síria para se juntar ao Estado Islâmico, foi preso no retorno de uma viagem ao Líbano sob suspeita de preparar um atentado e permaneceu em prisão preventiva até maio de

2026.

Na tarde de domingo, o chanceler Friedrich Merz participou de um culto pelas vítimas na Igreja de Santa Maria, em Alexanderplatz. “Vamos defender a liberdade” e não permitir que “esse veneno do terrorismo e esse veneno dirigido contra nossa liberdade se espalhe mais em nossa sociedade”, declarou.

A secretária de Justiça de Berlim, Felor Badenberg, reconheceu a indignação pública diante da sequência de atropelamentos e ataques com faca no país e defendeu a revisão do direito penal juvenil.

A extrema direita passou a explorar o episódio a poucas semanas de três eleições estaduais previstas para setembro. A AfD, líder nas pesquisas nacionais, aparece com índices entre 38% e 40% na Saxônia-Anhalt e em Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental.

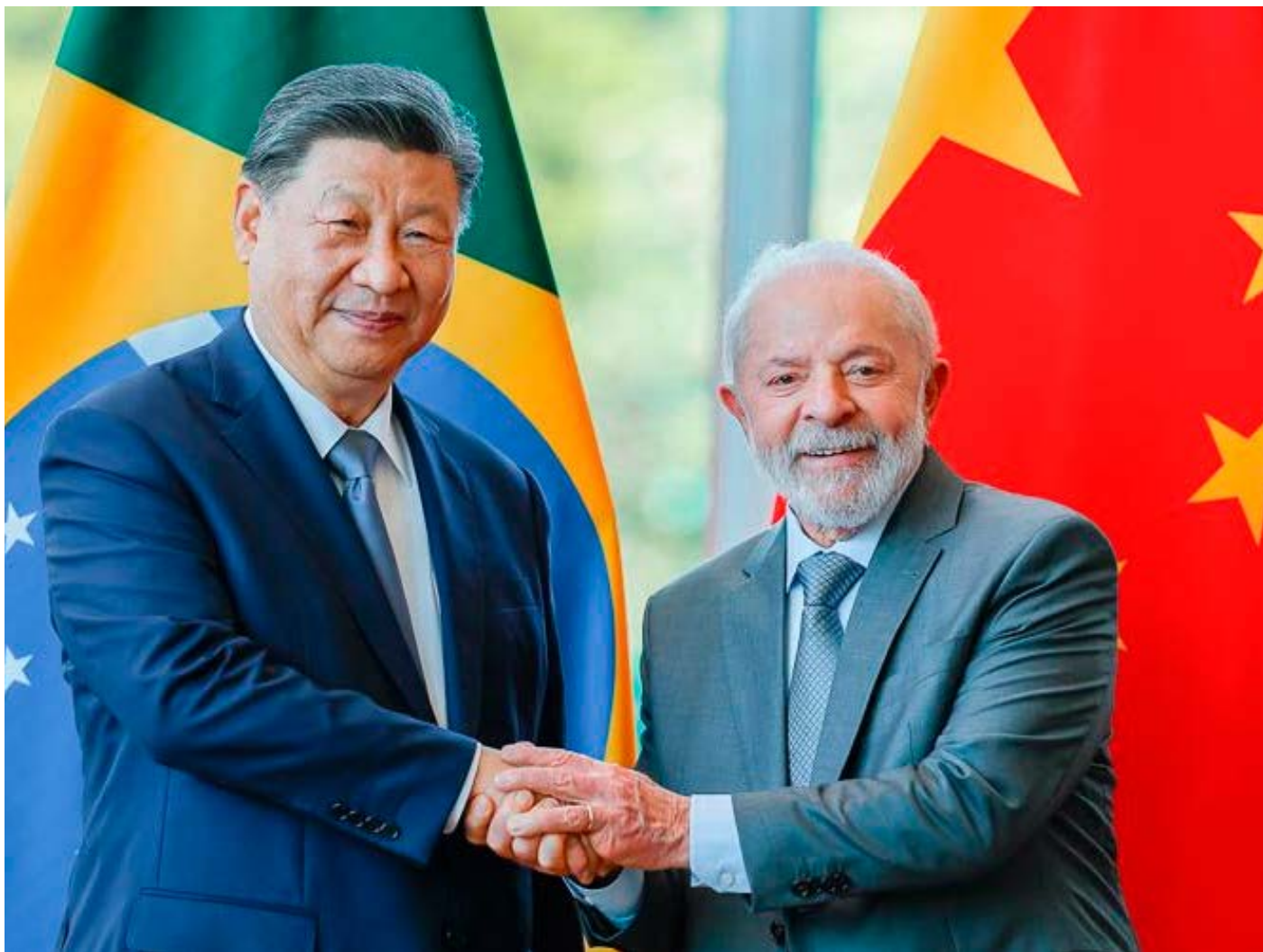
A colíder Alice Weidel acusou Merz de ignorar o extremismo islamista e a chamada “violência migrante”. Já a candidata do partido em Berlim, Kristin Brinker, atribuiu o ataque à “catastrófica política migratória dos últimos anos”.

Para Guido Friebe, da Universidade Goethe, que pesquisa os efeitos eleitorais de atentados, a AfD deve capitalizar politicamente o episódio. Segundo ele, a CDU enfrenta o dilema de ceder espaço à extrema direita ao ignorar o tema ou reforçar sua agenda ao adotar a mesma retórica.

A organização LSVD+ registra aumento de dez vezes nos ataques homofóbicos e antitrans nos últimos anos. Com marchas ainda previstas em Hamburgo, Nuremberg e Dortmund, ativistas afirmam que alertavam sobre ameaças vindas de islamistas e da extrema direita sem receber resposta adequada.

Do EuroNews e The Guardian

Xi declara apoio à soberania do Brasil diante da pressão dos Estados Unidos



O presidente chinês, Xi Jinping, afirmou nesta segunda-feira, 27, ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que apoia o Brasil na oposição à “interferência externa”, segundo a agência estatal Xinhua.

“A China valoriza altamente a posição internacional e a importante influência do Brasil”, disse Xi. O líder chinês afirmou ainda que Pequim “apoia o Brasil na salvaguarda de sua soberania e independência, na oposição à interferência externa e na contribuição para a manutenção da paz e da estabilidade regionais e mundiais”.

O telefonema durou mais de uma hora e ocorreu a menos de três meses das eleições brasilei-

ras. Lula e Xi concordaram sobre a importância de acelerar as negociações de um acordo entre Mercosul e China.

Lula afirmou estar “comprometido com a diversificação de mercados e parceiros comerciais”, em meio à pressão tarifária exercida pelos Estados Unidos, segundo maior parceiro comercial do Brasil.

Washington impôs neste mês duas rodadas de tarifas sobre produtos brasileiros, após uma primeira grande elevação em 2025, em retaliação ao julgamento da trama golpista que levou Jair Bolsonaro à prisão.

Lula tem denunciado a pressão

tarifária norte-americana como tentativa de influência política em ano eleitoral.

Em outro desdobramento, o Brasil negou visto a dois funcionários dos Estados Unidos que pretendiam se reunir com autoridades eleitorais em Brasília antes da votação de outubro, segundo fonte diplomática ouvida pela AFP.

Flávio Bolsonaro voltou recentemente a repetir alegações sem provas de que o sistema de votação brasileiro seria inseguro, enquanto Donald Trump mantém afirmações falsas sobre as eleições norte-americanas.

Da AFP e da Agência
Hong Kong Free Press



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO *que transforma*

 @fpabramo

 @fpabramo

 Fundação Perseu Abramo

 (11) 5571-2609

 fpabramo.org.br

 teoriaedebate.org.br

 fpabramo.org.br/focusbrasil

formação **FPA**

DIRETORIA DE
FORMAÇÃO
ESCOLA
NACIONAL DE
FORMAÇÃO

NAPPs

NOPPE
Núcleo de Pesquisa em Políticas e Práticas



Centro de
Documentação e
Memória Política
Serviço de Pesquisa e
Memória